

MALABARISMOS LEXICAIS NA LITERATURA: OS NEOLOGISMOS VISITAM A SALA DE AULA

Solange Maria Moreira de CAMPOS
Centro Universitário de Belo Horizonte-Uni-BH
solangemoreira@terra.com.br

RESUMO: A análise das formações neológicas presentes na literatura contemporânea para crianças e jovens permite verificar que tais inovações colaboram fortemente para a ampliação vocabular dos alunos leitores. O trânsito dos novos itens lexicais nos textos trazem dinamismo ao texto por seu caráter lúdico e bem-humorado. Os recursos expressivos da língua, ao transitarem esteticamente no cenário textual, em seus vários planos (fonológico, morfossintático e léxico-semântico), dão forma à linguagem literária, resgatando o jogo verbal no que tange à correção e à inventividade linguística. Autores criativos trazem para suas produções uma linguagem inovadora, totalmente divorciada dos “inhos”, que menosprezam a inteligência do aluno/leitor, do didatismo e das lições de moral. Com este estudo, pretende-se demonstrar a função lúdica dos neologismos na literatura, como também atizar a curiosidade de leitores e professores para uma das particularidades do dinamismo da língua – a criação neológica – e oferecer mais uma possibilidade de leitura dos textos de ficção na sala de aula. Busca-se pontuar um dos elementos básicos da poética contemporânea – a renovação lexical – que se realiza no tecido textual por meio da valorização dos recursos oferecidos pela língua e, a partir dela, sugerir uma nova possibilidade dos estudos linguísticos e da literatura na escola.

PALAVRAS-CHAVE: ensino do léxico; neologia; literatura infantojuvenil; normas neolúdicas.

INTRODUÇÃO

Na leitura e análise de algumas produções literárias contemporâneas para crianças e jovens observa-se o emprego recorrente de formações neológicas na tessitura textual e percebe-se que os seus autores pretendem produzir humor e brincar com as palavras, matéria prima colocada a sua disposição. Ao edificarem suas histórias ou poemas, privilegiam a expressividade e o lúdico. Conseqüentemente, os recursos expressivos da língua, ao transitarem esteticamente no cenário textual, em seus vários planos – fonológico, morfossintático e léxico-semântico –, dão forma à linguagem literária, resgatando o jogo verbal no que tange não só à correção e à adequação, mas à inventividade linguística. O texto literário apresenta-se, pois, como corpus ideal para que se vivencie a língua materna em todas as suas possibilidades, estabelecendo uma relação de empatia que redunde em conhecimento, ludicidade e prazer.

A nova palavra criada é bailarina e desliza sobre a página branca do papel, executando malabarismos de toda ordem: sintáticos e semânticos. Manipulada com mestria, assume a forma pretendida pelo talento do autor, submetendo-se docilmente e gerando as variações infinitas do jogo verbal que encanta e seduz: natural e neológica como a própria criança. Ao fazerem uso desses artifícios, os escritores demonstram conhecer o sistema linguístico e se apoiam em sua sensibilidade e intuição de artífices e artesãos da palavra para se

expressarem através de todos os meios que a língua lhes oferece, numa harmonia bem trabalhada para gerar expressividade, pois ali nada parece artificial ou gratuito.

Os procedimentos usados para a criação dos novos itens lexicais resultam de uma mistura saudável de recursos, que transforma a língua em um grande móbil e, longe de empobrecê-la ou descaracterizá-la, essa manipulação linguística exercida com genialidade e conhecimento lhe confere feição nova, ressaltando seu potencial expressivo alcançado pela novidade e, ao mesmo tempo, pelo estranhamento de algumas construções. O leitor se surpreende com a ousadia das criações. É possível, então, perceber que esses autores, cada um a sua maneira, têm consciência do funcionamento da língua e dos seus limites. Nesse pleno exercício do ludismo verbal, as palavras são, a um só tempo, instrumentos para o jogo e companhias no ato de jogar. Transformam-se em peças que possibilitam essa ludicidade, convocando os jovens leitores à participação na brincadeira.

O jogo de palavras instiga a inteligência do leitor, mostrando as infinitas possibilidades do vir-a-ser linguístico. Um ponto de interseção entre língua portuguesa e literatura se apresenta, então, no estudo metalinguístico dos processos de formação das palavras novas usados pelos escritores e, entre outros recursos, constituem também prova do manejo habilidoso com que trabalham a língua para produzir literatura.

No mundo em que vivemos, moldado pelas transformações, a linguagem perpassa as atividades individuais e coletivas do ser humano. Nesse mundo em movimento, os estudos que se relacionam à linguagem merecem um lugar privilegiado, especialmente aqueles que se voltam para as criações de palavras. O léxico¹ é parte viva da língua e constitui um universo tão imprevisível e, por vezes, indefinido, que nem sempre se torna possível prever, com exatidão, o momento da criação de uma palavra ou mesmo quando esta entrará em desuso. Significa dizer, portanto, que o acervo lexical de toda e qualquer língua viva, em face dessa dinamicidade, está constantemente se renovando. À luz do pensamento de Ferraz (2006, p. 219),

Uma das características universais mais marcantes das línguas naturais é a mudança. Dada a dinamicidade da linguagem humana, podemos verificar o fenômeno da mudança se manifestando em todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático), mas de forma mais evidente no nível lexical. [...] À medida que ocorrem mudanças sociais, a língua se adapta a essas mudanças e produz novas unidades léxicas. Um dos recursos de que se utilizam as línguas para a sua continuidade é a inovação lexical. A língua que não se atualiza acompanhando a atualização da sociedade corre o risco de desaparecer por estagnação. [...] A criação de palavras novas e a reutilização de palavras já existentes a partir de novos significados constituem um processo geral de desenvolvimento do léxico de uma língua.

Segundo Alves (2004, p. 5), o surgimento de novos itens lexicais, ou seja, o processo de elaboração de novas unidades léxicas é denominado de *neologia*, sendo o *neologismo* o seu produto. Ainda segundo a estudiosa, quando se cria um neologismo não se perpetra nenhuma situação de violação do sistema linguístico, mas, ao contrário, faz-se uso de suas

¹ Em relação aos conceitos teóricos básicos da Lexicologia, segue-se, neste estudo, a orientação de Biderman (1996, p. 33): “O léxico é constituído por todos os elementos lexicais da língua: os *lexemas de valor lexical* (as palavras plenas) e os *lexemas de valor gramatical* (as palavras gramaticais, vocábulos-morfemas), chamados pelos linguistas de *gramemas*.”

estruturas para construir a nova unidade. Um dos propósitos deste estudo, em que o foco é também a Estilística Léxica – a do efeito causado pela palavra – envolve a análise da expressividade lexical, com vistas a demonstrar a função lúdica dos neologismos em obras literárias cujos destinatários, a princípio, são crianças e jovens.

A partir de tais considerações, este trabalho pretende pontuar ainda um dos elementos básicos da poética contemporânea – a renovação lexical – que se realiza no corpo do texto por meio da valorização dos recursos oferecidos pela língua; e, a partir dela, sugerir uma nova possibilidade de trânsito dos estudos linguísticos e da literatura não só na escola como também na (trans) formação de jovens leitores. As reflexões propostas neste estudo também buscam trazer a alunos e professores uma possibilidade dos neologismos visitarem a sala de aula por meio das discussões aqui propostas.

O arcabouço teórico deste estudo se ancora, fundamentalmente, nas contribuições de BOULANGER (1979) e ALVES (1990) sobre neologismos e criações lexicais e ROCHA, L.C. (1998), acerca das estruturas morfológicas do português. Esboça-se, ainda, uma reflexão à luz das ideias de Guilbert (1975) no que tange à criatividade lexical e à criação neológica estilística, presentes na linguagem literária, que não tem guarida nos dicionários, mas faz com que autores produzam textos extremamente expressivos. Baseia-se também nos pressupostos teóricos estabelecidos por Martins (2000), ao destacar a estilística e a expressividade na língua portuguesa, e em Ferraz (2006), quando enfatiza dimensão social da língua e aponta a renovação do léxico como um fenômeno permanente.

Neste estudo, pretende-se demonstrar que a obra literária constitui uma importante fonte propagadora e mantenedora de neologismos. Portanto, as novas unidades lexicais são bem-vindas, numa conjugação equilibrada artesanalmente, cujo objetivo é encaixar, como num quebra-cabeças, fenômenos linguísticos aparentemente diversos. É imprescindível ressaltar, na análise das obras de ficção, a possibilidade de se estabelecer um eixo entre a Lexicologia e a Estilística, para se demonstrar de que maneira os autores aproveitam as virtualidades do sistema para exercitar a criatividade lexical. Também se enfatiza a importância dos neologismos, ou seja, das novas criações de palavras com objetivo estilístico.

1 A ESTILÍSTICA LÉXICA: UMA QUESTÃO DE EXPRESSIVIDADE

Nas produções em que o fenômeno pesquisado é o neologismo, a nova combinação de elementos lexicais se transforma numa realização conjunta de autor e leitor, pois provoca um constante jogo de sedução, expressividade, perplexidade e, ao mesmo tempo, estranhamento. O léxico, território onde os neologismos se instalam, oportuniza a criação de novas designações, que podem ser de ordem social, comercial ou estilística. Ao produzir suas histórias ou poemas, o escritor deixa entrever, implícita ou explicitamente, uma intenção, ou seja, um desejo de impressionar o destinatário. Assim, faz uso do material linguístico de que dispõe para produzir textos de acordo com uma situação de enunciação, com vistas a atingir determinado público leitor.

Um dos objetivos da Estilística é analisar essa escolha e demonstrar de que forma o autor consegue com ela os efeitos estéticos imprescindíveis à obra, para transformá-la num produto de qualidade. Nesse sentido, provavelmente a pretendida intencionalidade vai definir, marcar ou mesmo caracterizar o estilo de um autor. Segundo Monteiro (1991, p. 9), “um dos mais sérios obstáculos à delimitação do campo de estudos da estilística é

exatamente o da diversidade de acepções que o termo *estilo* apresenta”. Por não se esgotarem os seus significados possíveis, a teórica propõe o seguinte conceito, que norteará as reflexões neste trabalho: estilo é a “qualidade de linguagem peculiar ao escritor, que comunica emoções ou pensamentos” (MONTEIRO, 1991, p. 9; *apud* MURRAY, 1949, p. 65).

Este trabalho debruça-se sobre as escolhas lexicais experienciadas pelos autores das seguintes obras literárias: *Pequeninha* (1984) (P), de Mirna Pinsky; *Marcelo, marmelo, martelo* (1999) (MMM), de Ruth Rocha; *O menino que não sonhava só* (2000) (OMQNSS) e *Zoonário* (2001) (Z), de Antônio Barreto; *Clave de lua* (2001) (CL) e *Manual de desculpas esfarrapadas* (2004) (MDE), de Leo Cunha; e *O outro nome do bicho* (2007) (OONB), de Chico Homem de Melo².

Chama a atenção para a sua maneira própria de escrever, suas pretensas intenções, sua tentativa de se desviar da linguagem comum e imprimir certa marca pessoal, seu modo peculiar de exprimir ou mesmo comunicar “emoções ou pensamentos”, como indica Monteiro (1991, p. 9). A língua se transforma em grande aliada no seu propósito criador, tanto no nível da palavra, como no da frase ou no da enunciação. Mas é no nível lexical que as criações mais interessam, pois se sabe que os processos de formação de novas palavras não só enriquecem o léxico como também facultam à nova unidade um valor expressivo.

Propõe-se, portanto, não só um estudo da expressividade, por meio do léxico possível, cujas invenções se baseiam nas regras morfológicas da língua, mas também das formações neológicas, a partir de uma abordagem das **normas neolúdicas**³. Tais normas são consideradas neste trabalho como um conjunto de regras ou critérios para a análise dos processos de criação de alguns dos novos lexemas na obra literária, assim estabelecidos: a) malabarismos lexicais (experimentos de toda ordem); b) uso do grafismo ou de recurso imagético (tentativa de comunicação formal e um meio de representação e simbolização); c) lexias inusitadas (o autor sai da norma para ser o criador de um co-sistema morfológico); d) construções irônicas (um dizer desdizendo, com ênfase na ambiguidade e na incongruência, criando-se, muitas vezes, o trocadilho); e) metaludismo (metalinguagem com função lúdica); f) criações onomatopaicas (relação, ainda que imprecisa, entre a unidade léxica criada e certos ruídos ou gritos); g) neo-humor (novas unidades lexicais com a intenção de provocar o riso).

2 A CRIAÇÃO NEOLÓGICA ESTILÍSTICA

² Daqui para frente, para cada citação transcrita, as letras maiúsculas entre parênteses correspondem às iniciais dos títulos das obras analisadas neste estudo, indicadas nas referências.

³ As normas neolúdicas devem ser entendidas, neste estudo, como um fenômeno linguístico no qual o que chama a atenção não é o processo de formação de palavras, de criação em si, mas a expressividade e o modo como o autor “brinca” com os signos. As artimanhas de que faz uso para criar novas unidades lexicais possibilitam realçar a relevância da mutabilidade linguística e da renovação lexical e compreender a importância da Estilística Léxica para que se possa fazer a distinção entre a expressividade obtida com neologismos conceptuais e neologismos formais.

Considerando como neologismo⁴ aquela unidade lexical que é sentida como nova na comunidade linguística, a literatura é um dos universos de manifestação discursiva em que a presença de neologismos tem sido frequente. Os neologismos estão, no que tange à formação, num lugar especial do estudo morfológico, envolvendo aspectos que englobam, entre outros, as questões pragmática e estilística e, em suma, constituem uma presença inevitável na língua viva.

Nas obras de ficção é possível encontrar formações neológicas e demonstrar como o trânsito dos novos itens lexicais encontrados na tessitura textual comprova uma das principais contribuições dos neologismos para a literatura infantojuvenil: dar dinamismo ao texto por seu caráter lúdico e bem humorado.

O estudo de neologia pode dividir-se em dois campos: **neologia na língua** e **neologia na literatura**. Apesar de, nos dois casos, haver um objetivo comum – sucesso na comunicação –, há diferentes abordagens para ambos. Os neologismos utilizados na língua, se empregados em diversos contextos de comunicação e se bem aceitos pelos seus usuários, podem ser dicionarizados. São abordados os processos de formação do neologismo, a sua frequência e a sua aceitação, fazendo-se assim um estudo linguístico.

Já os itens lexicais criados para um conto, um romance ou para um poema ficam presos a esses contextos e, diferentemente dos neologismos empregados em contextos de comunicação comuns, apresentam um valor estilístico e de momento. Pode ser investigada a expressividade das criações de palavras no âmbito literário, fazendo-se, pois, um estudo estilístico. Segundo Cardoso (2004, p. 147),

Há em qualquer língua viva, criações lexicais que surgem com um objetivo específico, são válidas para aquele determinado momento e dificilmente chegarão a fazer parte do dicionário de língua. São as criações literárias com objetivo estilístico.

Na literatura, os neologismos têm um papel e exercem uma função importante. Eles causam surpresa e estranhamento no leitor e resultam em expressividade. Essa expressividade só é alcançada pela nova unidade lexical quando combinada com outras palavras no nível da frase. O contexto é que determinará se o neologismo tem ou não valor para aquela obra. Esse contexto pode ser a frase, o capítulo ou o texto na sua totalidade.

Os exemplos de neologismos apresentados neste estudo encontram guarida no critério de exclusão lexicográfica e estão fundamentados em três obras brasileiras de referência: *Dicionário Aurélio século XXI: o dicionário de língua portuguesa* (1999), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001) e *Michaelis Moderno Dicionário da língua portuguesa* (1998).

Relendo uma das crônicas do *Manual de desculpas esfarrapadas* (2004) (MDE), do autor mineiro Leo Cunha, uma das obras analisadas neste estudo, intitulada “Cinco hipóteses sobre a deficiência áurea”, transcreve-se a seguinte passagem, construída pela voz do narrador: “Garçom, desce uma <douradinha>!” (p. 49) O neologismo <douradinha> pode

⁴ Este estudo se apropria do conceito de neologismo formulado por Boulanger (1979), tomando-o como aquela unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda uma palavra recentemente empregada de um sistema linguístico estrangeiro e aceito numa língua.

ser visto, a priori, como resultado da pura inventividade do escritor, revela seu conhecimento linguístico, ao mesmo tempo em que a palavra criada decorre de sua inspiração literária. A criação desse novo item lexical, no âmbito do discurso literário, justifica-se, também, pela capacidade que a nova palavra tem de dinamizar o tecido poético, onde sobressai ludicamente a carga de humor provocada pela referência à cerveja. Torna-se importante reafirmar, então, que o texto literário apresenta-se como *corpus* ideal para que se vivencie a língua materna em todas as suas possibilidades, estabelecendo uma relação de empatia que redunde em conhecimento, ludicidade e prazer.

É preciso ainda considerar que os recursos expressivos da língua, ao transitarem esteticamente no cenário textual, em seus vários planos - fonológico, morfossintático e léxico-semântico -, dão forma à linguagem literária, resgatando o jogo verbal no que tange não só à correção e à adequação, mas à inventividade linguística. Nas obras literárias, a palavra criada é bailarina, natural, desliza sobre a tessitura textual executando malabarismos de toda ordem: sintáticos e semânticos. Trata-se de uma mistura saudável de recursos, que transforma a língua em um grande móbil e, longe de empobrecê-la ou descaracterizá-la, essa manipulação linguística lhe dá feição nova, ressaltando seu potencial expressivo, numa conjugação equilibrada artesanalmente cujo objetivo é encaixar, como num quebra-cabeça, fenômenos linguísticos aparentemente diversos.

Podemos dizer, nesse caso, que os novos itens lexicais encontrados ocorrem por formação esporádica e não por formação institucionalizada. Segundo Rocha (*apud* Bauer 1999, p. 81),

Uma formação esporádica pode ser definida como uma palavra complexa nova, criada pelo falante/[escritor], sob o impulso do momento, para satisfazer alguma necessidade imediata. (...) Uma formação esporádica deixa de ser considerada como tal, ou seja, passa a ser uma formação institucionalizada, a partir do momento em que o item se torna familiar, isto é, conhecido de uma comunidade linguística.

Guilbert (1975, p. 40-44) define dois tipos diferenciados de criações lexicais: **neologia denominativa** e **neologia estilística**. Para o teórico, o primeiro tipo encerra a necessidade de se inovar no plano da língua e não especificamente se volta para o seu aspecto estético. Nasce da necessidade de nomear objetos, visa à adequação entre o nome e objeto ou conceito. Nessas criações, sobressaem os formantes, normalmente greco-latinos, já conhecidos, e os estrangeirismos:

<*Suco de vaca*>, ora! Que está no <*suco-da-vaqueira*> (MMM)

<*Ratação*> é o maior inimigo dos gatos, pois se disfarça de rato para comer queijos, seu prato predileto. Porém, quando o gato se aproxima, vira um cão feroz, pondo o gato a correr. O ratação frequenta o pesadelo de todos os gatos. (Z)

<*Megavacas*>, o fazendeiro, quer vacas polivalentes. [...] Gordureiro, o verdureiro, sonha com uma panela de um quilômetro e meio: uma <*hiperpanela*>, para poder fritar o peixe do pescador. (OMQNSS)

Carrinho, <*game*>, <*kit*> de magia". (CL)

O segundo tipo de criação lexical apontado por Guilbert (1975), a neologia estilística, torna-se mais significativo neste estudo, pois se baseia na expressividade da própria palavra ou frase. Trata-se de uma lexia virtual e, portanto, mais difícil de fazer parte do léxico da língua. Exemplos desse processo de renovação das expressões são citados a seguir:

Vimos comunicar que no próximo dia 15 instalaremos em todas as cabeças o <*detector de vazamento de ideias cretinas*>, da marca CRET-2X... (MDE)

É um típico caso de <*lobo em camisa de cordeiro*>. (MDE)

Uma andorinha só / não faz cantoria / Faz <*cantorinha*>” (CL)

Nas obras literárias analisadas neste trabalho, o ludismo verbal responde pelo prazer maior do ato de ler. A palavra, manipulada com a carga intencional pretendida pelos autores, gera as variações infinitas do jogo verbal que encanta e seduz. Na investigação dos neologismos, objeto deste estudo, destacam-se alguns processos mais produtivos de formação de palavras, além de outros, categorizados nos pressupostas da norma neolúdica.

3 PROCESSOS MAIS COMUNS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Nessa abordagem serão demonstrados os processos de invenção baseados nas regras morfológicas da língua.

3.1. Neologismos formados por composição

Segundo Infante (1997, p. 118), o processo de composição é caracterizado pela “aproximação de palavras simples ou de radicais eruditos”. Este processo pode ocorrer de duas formas: por aglutinação ou por justaposição.

3.1.1. Composição por aglutinação

Infante (1997, p. 118) apregoa que, se um dos elementos formadores “sofre alterações na sua configuração sonora, ocorre composição por aglutinação”. Com a aglutinação do morfema lexical, a palavra resultante passa a apresentar um aspecto semântico distinto, produzindo um novo significado na estrutura textual.

O jeito era inventar ali mesmo uma história <*praquele*> sapo. (MDE)

Essa balada / cá na garganta / é para a fada / que me encanta [...]
Essa balada/ <*baladainha*> / é para a fada da poesia. (CL)

Numa noite dessas, Magrobó, assim que fechei os olhos, uma fada <*belinda*>, <*belindíssima*>, apareceu pra mim. (OMQNSS)

3.1.2. Composição por justaposição

Nesse tipo de composição, os morfemas lexicais não perdem sua integridade sonora, pois são colocados lado a lado. As relações entre tais morfemas podem ser classificadas de diversas maneiras. De acordo com Sandmann (1992, p. 40), há uma relação de caráter subordinativo, pois nos compostos, as palavras apresentam sempre um elemento que é o núcleo (determinado/determinativo) e um elemento especificador (determinante/subordinativo). Dessa maneira, os compostos podem ser formados na ordem determinado/determinante.

Que tal uma <laranja docinha do céu?> (MDE)

Ali é que estava a sua <dúvida anfíbia>, infame e infeliz: os dois sapos são um só?(MDE)

Tem uma <giganta-mãe> de olho verde, que fala fininho. (P)

3.2. Neologismos formados por derivação

De acordo com Infante (1997, p. 91) “a derivação consiste basicamente na modificação de determinada palavra primitiva por meio do acréscimo de afixos”. Por essa razão, o processo de derivação é bastante fecundo, pois a partir de uma base simples, o falante/escritor pode acrescentar novos afixos, fazendo surgir novas palavras de estruturas complexas. A compreensão se realiza a partir do conhecimento de mundo e da contextualização do neologismo na obra, pois o leitor precisa apreender o valor semântico atribuído ao novo vocábulo. A composição por derivação acontece por prefixação, por sufixação e por prefixação e sufixação:

O leitor pode achar que é <piração>. (MDE)

Eu pinguei no olho um <supercolírio> e fiquei com a vista embaçada durante seis anos. (MDE)

Sabem o que eu vi na rua? Um <puxadeiro> puxando uma <carregadeira>”.(MMM)

3.3. Formação sintagmática (polilexicais)

À luz das concepções de Ferraz (2006, p. 229),

A formação sintagmática é produzida por uma sequência lexical, cuja união dos membros é de natureza sintática e semântica, de forma a constituírem, com certo grau de fixidez, uma única unidade lexical. Por se achar em fase de lexicalização, a formação sintagmática geralmente não é apresentada com hífen, e a ordem dos elementos constituintes é sempre a mesma: determinado seguido de determinante.

Tal formação tem caráter denominativo e exemplifica sintagmas de natureza nominal:

E sim na cantina, comendo biscoito de queijo com <refri de máquina>. (MDE)

Na hora de inventar as <desculpas mais caraduras do mundo>. (MDE)

3.4. Neologismos semânticos

Os neologismos semânticos decorrem da mudança do conjunto de semas referentes a uma unidade lexical já existente, em virtude da inclusão de um novo conceito para essa unidade lexical. Diferentemente do que acontece nos outros tipos, na neologia semântica não ocorre modificação da forma da unidade lexical já existente. Acrescenta-se apenas um novo significado a um significante que preexiste no sistema.

Quando o conjunto de semas de uma lexia é ampliado, há polissemia. O novo significado pode ter um sentido figurado e é esse que muitos autores exploram em suas obras literárias. Semelhante aos demais, o neologismo semântico pode ser empregado na língua ou na literatura, tendo, nesse último caso, um valor momentâneo e estilístico. Seguem os exemplos:

Eu, que dou aula há alguns anos, já ouvi as <histórias mais cabeludas>, contadas com a <cara mais lavada> do mundo. (MDE)

Talvez reparar um pouco nas curvas do queixo e do nariz, <quicar os olhos> sobre os seios dela, perceber reflexos da luz nos cabelos louros, ou morenos, não importa. (MDE)

Toda noite em minha rua / faça chuva ou faça estrela / o galo vizinho esgoela seu gogó / em <clave de lua>. (CL)

3.5. Cruzamento lexical

Resulta da aglutinação de duas (ou mais) bases, quando estas perdem parte de seus elementos para formarem uma nova unidade lexical. É o caso de ZOONÁRIO: (ZOO)LÓGICO > DICIO(NÁRIO) <ZOONÁRIO>

Como encontrar esse bicho / de sete cabeças, oito, / às vezes vinte, trinta / pernas, patas, asas, / orelhas, escamas, olhos, / garras e dentes de sabre? Melhor consultar / um <zoonário>, / antes que esse bicho / acabe.

3.6. Deslizamento de sentido

Consiste na passagem de uma palavra para outra categoria sem mudança de forma. Essa palavra perde o seu sentido original.

Ele assobia no beco, / ela sussurra na esquina, / e então o pai da menina / <neblina> todo de medo. (CL).

3.7. Neologismo formado a partir de substantivo

Em “[Marcelo] chegava em casa e dizia: – Bom <solário> pra todos” (MMM), para substituir a expressão “bom dia”, o autor cunha “bom solário”. O neologismo <solário> é criado a partir do substantivo “sol”.

4 AS NORMAS NEOLÚDICAS

Serão exemplificados os processos mais produtivos de criação de alguns dos novos lexemas nas obras analisadas, sob a perspectiva das normas neolúdicas.

4.1. Malabarismos lexicais

Nesse caso, a palavra se transforma num grande malabar. São observados experimentos de toda ordem, que fazem do texto um laboratório peculiar:

- Calma, filho. Você só fala de critérios, métodos, <empredorismo>.
- Não sei nem falar esse troço.
- Empreendedorismo, pai. [...]
- É claro eu ainda não tinha conhecimento de...
- <Perdedorismo...>
- <Predadorismo...>” (MDE)

E se eu tirar o CASCO
do bicho <TARTACASCO>
e colocar nele o osso
do pescoço da GIRAFÁ?
Vira uma <TARTAGIRA>
Ou uma <GIRAFARUGA>? (Z)

Canta, canta, canta, / Depois para e mergulha numa história. /
Brinca, brinca, brinca, / Depois para e ri com um quadrinho. / Voa,
voa, voa, / Depois para e viaja com um poema. / O nome desse
bem-te-vi não deveria ser bem-te-vi. / O nome desse bem-te-vi
deveria ser <bem-te-li>. (OONB)

4.2. Metaludismo

Os novos itens léxicos apresentam marcações metalinguísticas com função lúdica, realçada por marcadores irônicos.

- <Melancia> é o quarto estado físico da água.
- Ela deu uma risada larga, nada como um namorado que faz a gente rir.
- <Chuchu> é o quinto – ele emendou. (MDE)

Quase no final da adolescência, tive a ideia de montar uma banda de rock chamada <*Giárdia Lamblia e seus Vacúolos Contráteis*>. Maravilha: eu tinha descoberto finalmente a utilidade das aulas de ciências. (MDE)

<*Gordobélias*>, umas fadas gordinhas da floresta, encarregadas de fazer amigos e dar notícias. (OMNSS)

<*Hipóteses*>: uns bichinhos microscópicos, formados por ideias luminosas (Z)

4.3. Neo-humor

As novas unidades lexicais são criadas com a intenção de provocar o riso, instaurando o território propício para dar guarida ao humor.

Mas meu pai insistiu, veio com uma história de divisão de responsabilidades, não basta ser filho, tem que participar, todo aquele <*papo gelol*>...(MDE)

A Sofia, minha filha de dois anos e meio, quis saber se o sapo que não lava o pé é aquele mesmo que não tem rabinho nem orelha. [...] Minhas única saída foi descobrir a verdadeira história por trás daquela <*saparia musical*>. (MDE)

Não pode vez uma carinha triste / Faz de tudo para alegrar / Não pode ver uma pessoa perdida / Faz de tudo para ajudar / Não pode ver um velho desprotegido / Faz de tudo para amparar / O nome desse hipopótamo deveria ser <*hipopótimo*>. (OONB)

4.4. Construções irônicas

Nas construções irônicas, o que chama a atenção é a ambiguidade, a incongruência, o trocadilho.

Foi então que, entre goles de refri sem gás, cada um dos professores (um deles era eu) deu sua opinião sobre a medalha de ouro [das olimpíadas de Sidney] não veio. Ou, para ser mais acadêmico, cada um formulou uma hipótese sobre nossa <*deficiência áurea*>. (MDE)

Então quer dizer que a madame podia contratar oito serviçais pra se engalfinharem e não podia comprar um livro, um mísero livro, <*coitadinho*>, que nunca brigou com ninguém? (68)

3.5. Uso do grafismo ou de recurso imagético

Trata-se de uma tentativa de comunicação formal e um meio de representação e simbolização.

<W@y, W@y, W@y>. Pronuncia-se “uei-uei-uei”. Sua especialidade é atacar computadores com uma borracha eletrônica, para apagar arquivos, programas, sites e emails enviados pela Internet. (Z)

3.6. Criações onomatopaicas

Baseiam-se numa relação, ainda que imprecisa, entre a unidade léxica criada e certos ruídos ou gritos.

<ZEBRAZUUuuuummmmm>. Uai! Que bicho é esse que passou por aqui? (Z)

E quando tudo ficou claro, as gentes penduradas na parede deram um baita sorriso. E a cadeira de balanço que <nheque-nhequezava>, <nheque-nhequezou> contente. (P)

3.7. Lexias inusitadas

O autor sai da norma para ser o criador de um co-sistema morfológico.

Vamos pedir um <xis-tudo>. (MDE)

A mídia escondeu a real <(des)importância> do Brasil no cenário esportivo mundial.” (MDE)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi demonstrado, alguns processos de formação de novos itens lexicais contribuíram para a inovação léxica nas obras de ficção analisadas, comprovando-se que, de fato, os neologismos exercem grande papel ao ampliar a criação neológica na literatura. As palavras, por sua vez, transformam-se em peças que possibilitam essa ludicidade, conduzindo os leitores à participação na brincadeira. O jogo de palavras instiga a inteligência do leitor/professor, mostrando as infinitas possibilidades do vir a ser linguístico. A expressividade contida nos neologismos é alcançada pela novidade e pelo estranhamento das construções. O leitor surpreende-se com a ousadia das criações.

Os neologismos resultantes de cada processo apresentado contribuem para a inovação léxica em Língua Portuguesa e influenciam também na ampliação da criação neológica. O ludismo verbal exercitado pelos escritores multiplica-se em evidências. Assim, no texto, há solicitação à presença e à cumplicidade do leitor, um convite à obra, simples na transmissão de mensagens e complexa em consubstanciar-se na variedade dos fatores inerentes ao circuito comunicativo. Os autores são, portanto, artífices que instrumentalizam seus textos

em perfeita inter-relação de modalidades linguísticas, ao lado de eficiente quebra de barreiras formais. As obras analisadas se dirigem ao público infantil e juvenil, conjugando autor-leitor, na certeza de que a expressividade e a plenitude da língua se realizam ludicamente por todos e para todos, além do que se associam escolhas primorosas fornecidas pelo sistema linguístico à eficácia no ato comunicativo.

A obra literária constitui, pois, uma importante fonte propagadora e mantenedora de neologismos. O escritor talentoso, que conhece o universo e a mundividência juvenil, como também o sistema linguístico, expressa-se através de todos os meios que a língua oferece, valendo-se dos neologismos lexicais para gerar expressividade e dinamismo no texto, de forma a transformá-lo em algo sedutor e prazeroso para o leitor. Nesse sentido, é preciso reconhecer o enriquecimento linguístico e a revitalização do sistema, em decorrência da criação lexical, que se realiza funcional e esteticamente. Um ponto de interseção entre língua portuguesa e literatura se apresenta então na análise metalinguística dos processos de formação de palavras novas, prova inequívoca do manejo habilidoso com que os escritores trabalham a língua para produzir literatura.

Neste estudo, quando se recorreu às **normas neolúdicas e à exploração dos recursos da Estilística**, partiu-se do princípio de que, para o aluno/leitor, fica mais fácil observar de quais recursos o autor se serve quando atribui significados novos a significantes da língua.

À luz das contribuições de vários teóricos, propôs-se uma reflexão sobre um dos elementos básicos da poética contemporânea – **a renovação lexical** – que se realiza na tessitura textual por meio da valorização dos recursos oferecidos pela língua e, a partir dela, sugerir uma nova possibilidade de trânsito dos estudos linguísticos e da literatura na formação/constituição de leitores. Espera-se que este trabalho contribua para o estudo dos neologismos na escola e auxilie o professor nas atividades desenvolvidas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: Criação lexical*. São Paulo: Ática, 2004. Série Princípios.

BARRETO, Antônio. *O menino que não sonhava só*. São Paulo: Mercuryo, 2000.

_____. *Zoonário*. São Paulo: Mercuryo, 2001.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991. Série Princípios.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Léxico e vocabulário fundamental*. São Paulo: Alfa, 1996.

_____. *Teoria linguística*. Teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes: 2001.

BOULANGER, Jean-Claude. *Néologie et terminologie*. Néologie em marche. Montreal: Éditeur officiel du Québec, 1979. v.4.

CARDOSO, Elis de Almeida. **A criação neológica estilística**. In: Matraga: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras / Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ano 11. N. 16. – Rio de Janeiro: Ed. Caetés, 2004.

CUNHA, Leo. *Clave de Lua*. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. *Manual de desculpas esfarrapadas – casos de humor*. São Paulo: FTD, 2004.

FERRAZ, Aderlande P. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Costa de (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG-FALE, 2006.

FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1999.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

HOMEM DE MELO, Chico. *O outro nome do bicho*. São Paulo: Scipione, 2007 (Coleção Do-re-mi-fa)

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 1997.

MICHAELIS. *Dicionário Michaelis da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: DTS Software Brasil Ltda., versão eletrônica, 1998.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

PINSKY, Mirna. *Pequeninha*. Belo Horizonte: Miguilim, 1984.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

ROCHA, Ruth. *Marcelo, marmelo, martelo*. São Paulo: Moderna, 1999.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992. Coleção Repensando a Língua Portuguesa.